

# Meio século de demografia da África subsariana

**A** região do continente africano situada a sul do deserto do Sara distingue-se da do norte (e das demais regiões do globo) particularmente no que concerne à demografia. Com efeito, qualquer que seja o indicador de estrutura e movimento populacional considerado, existem, não raras vezes, diferenças substanciais entre as duas regiões. Veja-se, por exemplo no quinquénio 2005-2010, os valores de dois dos indicadores mais utilizados em matéria de análise do movimento natural das populações, o índice sintético de fecundidade (2,9 e 5,1 filhos por mulher, respectivamente na África setentrional e na subsariana) e a esperança média de vida à nascença (51,5 anos na África subsariana, versus 68,0 anos na África setentrional). Os anos subsequentes ao advento das independências possibilitaram um melhor conhecimento da demografia dos países em desenvolvimento, mercê da implementação e/ou reforço de sistemas de observação adequados. Com efeito, situando-nos no contexto da África subsariana, e no caso das fontes não permanentes de dados – censos e inquéritos demográficos –, o número de operações deste tipo, aumentou substancialmente, tendo, nos anos 1990, quase duplicado relativamente aos anos 1960.

## Efectivos e densidades populacionais

De acordo com a ONU, a população da África subsariana cifrar-se-á, em meados de 2010, em 863 milhões (mais 454 milhões do que em 1960), facto que a guindará à segunda posição, em termos de região mais populosa do planeta (a primeira é ocupada pela Ásia, com 4.075 milhões), tendo o peso relativo dos seus efectivos na população mundial passado de 7,4% em 1960, para 12,5% em 2010.

A diversidade da região, do ponto de vista geográfico, económico e sociocultural, está na origem da distribuição muito desigual desta população, quer a nível das sub-regiões, quer a nível nacional. Com efeito, em 2010, um pouco mais de 3 em cada 4 subsarianos vivem na África oriental e ocidental (respectivamente, 42,9% e 36,5% da população total). Situam-se nestas duas

## ALGUNS INDICADORES DE ESTRUTURA E MOVIMENTO DA POPULAÇÃO DA ÁFRICA SUBSARIANA E DAS DEMAIS REGIÕES DO GLOBO, EM 2005-2010

|                           | Idade mediana 2010 (em anos) | Índice sintético de fecundidade (Filhos/Mulher) | Probabilidade de falecer entre 0 e 5 anos <sup>1</sup> | Esperança de vida (em anos) | Taxa de crescimento demográfico (%) |
|---------------------------|------------------------------|---|--|-----------------------------|-------------------------------------|
| África subsariana         | 18,6                         | 5,1   | 148  | 51,5                        | 2,4                                 |
| África do Norte           | 24,2                         | 2,9   | 56   | 68,0                        | 1,7                                 |
| América Latina e Caraíbas | 27,7                         | 2,3   | 28   | 73,4                        | 1,1                                 |
| América do Norte          | 36,9                         | 2,0   | 7  | 79,3                        | 1,0                                 |
| Ásia                      | 29,0                         | 2,3   | 58   | 68,9                        | 1,1                                 |
| Europa                    | 40,2                         | 1,5   | 9  | 75,1                        | 0,4                                 |
| Oceânia                   | 33,0                         | 2,4   | 30   | 76,4                        | 1,3                                 |
| Mundo                     | 29,1                         | 2,6   | 71   | 67,6                        | 1,2                                 |

<sup>1</sup> Por mil nados vivos. Fonte: World Population Prospects — The 2008 Revision. Disponível em: <http://esa.un.org/unpp/>

sub-regiões os países mais populosos da África subsariana, a saber: Nigéria (158,3 milhões), Etiópia (85,0 milhões) e República Democrática do Congo (67,8 milhões), o que significa que estes três países, em conjunto, albergam mais de um terço da população total da região.

A esta desigualdade de ocupação do território correspondem densidades populacionais muito díspares, que oscilam, a nível da sub-região, entre 19 hab./km<sup>2</sup> (África ocidental) e 51 hab./km<sup>2</sup> (África oriental). No âmbito nacional, seis países possuem densidades inferiores a 10 hab./km<sup>2</sup> (Botsuana, Mauritània, Namíbia, Gabão, República Centro-Africana e Chade) e três, superiores a 350 hab./km<sup>2</sup> (casos dos Estados insulares das Comores e da Maurícia com, respectivamente, 371 hab./km<sup>2</sup> e 636 hab./km<sup>2</sup>, e do Ruanda, com 390 hab./km<sup>2</sup>). A média para a região subsariana é de 36 hab./km<sup>2</sup>. Contudo, a nível nacional, estas densidades encobrem diferenças significativas (caso, entre outros, de certas zonas do Togo e do Benim e das colinas do Burundi e do Ruanda).

Por fim, se a pressão demográfica for aferida, não relativamente às superfícies totais, mas sim às das terras aráveis e de culturas permanentes, conclui-se que a África subsariana (e os países que a integram), está longe de ser uma região fracamente povoada. Com efeito, as densidades assim calculadas, são de 210 hab./km<sup>2</sup> no Botsuana, de 300 hab./km<sup>2</sup> na Mauritània e de 110 hab./km<sup>2</sup> na Namíbia...

## Ritmos e diversidades do crescimento populacional

A África subsariana registou, nos últimos cinquenta anos, o crescimento mais acele-

rado do planeta: a sua taxa média de crescimento anual foi de 2,6% (o que significa que, em 2002 e comparativamente a 1960, a região viu triplicar os seus efectivos), contra 0,4% a 2,1% nas outras regiões do mundo.

Estão na origem de tal evolução os níveis elevados de fecundidade e, acessoriamente, um certo recuo da mortalidade.

Quer a nível global, quer da sub-região, o crescimento processou-se de forma distinta entre 1960-1965 e 1985-1990, por um lado, e entre 1985-1990 e 2005-2010, por outro. Para tal contribuiu, essencialmente, a inversão das tendências registadas no que respeita ao calendário da mortalidade, particularmente na África meridional (onde a esperança de vida à nascença regrediu, praticamente, para os valores registados no início do horizonte temporal aqui considerado) e na África central.

Com efeito, até 1985-1990 as diversas sub-regiões viram duplicar os seus efectivos num intervalo de tempo relativamente curto (entre 24,7 e 27,7 anos, respectivamente no caso da África oriental e da meridional). A nível nacional, os crescimentos médios anuais mais elevados ocorreram no Quênia e no Zimbábue (3,5%), na Zâmbia (3,3%) e no Botsuana (3,2%). Tais valores conduziram à triplicação dos efectivos populacionais destes países, num período compreendido entre 31,3 e 34,3 anos.

A partir de 1985-1990, a região entrou, globalmente, numa fase de desaceleração do seu crescimento, passando de 2,8% para 2,4% em 2005-2010. Contudo, esta diminuição processou-se em ritmos diferentes segundo a sub-região. Assim, enquanto, por exemplo, as tendências do crescimento da África central, se prolongaram, de forma

sustentada, até 1995, a África meridional viu o seu ritmo de crescimento baixar de 2,5% para 1,1%, entre 1985-1990 e 2005-2010.

## Estrutura etária da população

Quanto à distribuição por grupos etários da população da África subsariana, em 2010, a base larga, afunilando, rapidamente, para um cume afiado, caracteriza uma estrutura etária muito jovem, assim como a presença de uma mortalidade elevada. A largueza da base é fruto de a fecundidade da região ser a mais elevada do planeta. Com efeito, mais de dois em cada cinco subsarianos têm menos de quinze anos de idade (nas outras regiões do globo, a proporção de crianças e de jovens varia entre 15,4% na Europa e 26,2% na Ásia). Dado que a África subsariana é muito desfavorecida em termos de longevidade, a parte relativa de idosos tem sido (e é), relativamente fraca (3,2%).

No que concerne ao peso relativo de cada grupo funcional de idades (0-14, 15-64 e 65 e mais anos) nos efectivos totais da região e respectivas sub-regiões, em 1960, 1985 e 2010, como reflexo dos níveis e das tendências da fecundidade (e até da própria mortalidade), a proporção de crianças e jovens nas sub-regiões varia entre 31,1% e 44,6%, respectivamente na África meridional e na África central. Salienta-se ainda o facto de a primeira destas sub-regiões ter sofrido, entre 1960 e 2010, a quebra mais importante verificada naquela faixa etária: 10,1 pontos percentuais.

Como corolário, os índices de dependência, apresentam valores elevados (em 2010, por exemplo, cifram-se em 45,5% na África subsariana e entre 35,6% e 47,5%, respectivamente na África meridional e central). De notar que o caso do grupo etário 15-24 anos deve merecer uma atenção especial dado que, em tais idades, a escolarização está praticamente concluída, o emprego remunerado é procurado pela primeira vez, a mobilidade geográfica atinge o seu máximo e a intensidade da nupcialidade é elevada.

## Movimento natural da população

O movimento natural da população e particularmente a natalidade teve uma quota-parte muito relevante no crescimento

## Carlos Costa Carvalho

demográfico da região. Com efeito, se os movimentos migratórios dentro do continente contribuíram, grandemente, para a diminuição da pressão demográfica registada em certos países da região e respectivo crescimento populacional, o mesmo não se pode dizer quanto aos fluxos migratórios dos subsarianos direccionados para fora de África, os quais não foram, até final do milénio, de grande amplitude. Realmente, no ano 2000, os imigrantes nos países da OCDE nascidos na África subsariana representavam menos de 1% do total.

No que respeita à evolução do índice sintético de fecundidade e da esperança média de vida à nascença, devido, essencialmente, a determinantes de natureza sociocultural (por exemplo, a preferência por descendências numerosas, registada na grande maioria das sociedades da África negra, está amplamente documentada), a região foi e continua a ser a mais fecunda do planeta (em 2005-2010, o número de filhos por mulher era de 5,1 versus 2,3 na Ásia e na América Latina e Caraíbas e 1,5 na Europa). Com efeito, e sobretudo na primeira parte do arco temporal observado, a fecundidade atingiu níveis muito elevados (mais de 6,5 filhos por mulher, em média, chegando mesmo a ultrapassar os 7,0 filhos na África oriental, onde dois países, Quênia e Ruanda, superaram a média da sub-região, com descendências superiores a 8 filhos por mulher), diminuindo posteriormente (globalmente e até 2010, uma baixa de 1,5 filhos). O caso da África meridional, com 6,2 e 2,6 filhos por mulher, respectivamente no início e no final do período de observação, merece destaque, sobretudo pela forma sustentada como ocorreu o declínio do fenómeno.

De realçar o papel desempenhado por factores de ordem demográfica, no que respeita aos níveis e tendências da fecundidade, dos quais se destacam: a intensidade e o calendário da nupcialidade (o casamento é praticamente universal e muito precoce, particularmente nas mulheres, facto que aumenta a duração da sua exposição ao risco de procriar); o espaçamento dos nascimentos (cuja prática tende a diminuir, mas ainda é corrente nalgumas culturas); o recurso à

concepção (em 2008 ainda era baixa, a utilização de qualquer método de controlo da fecundidade, por parte das mulheres do arco etário 15-49 anos oscilando entre 13% na África ocidental e 58% na África meridional, com valores nacionais variando entre 3% no Chade e 78% na Maurícia); a intensidade da mortalidade infantil e juvenil, particularmente elevada na região, a qual pode constituir um sério obstáculo à mudança dos comportamentos reprodutivos e, conseqüentemente, à diminuição da intensidade do fenómeno.

Indicadores de mortalidade elevados são, quase sempre, manifestações decorrentes da pobreza, dado que a dinâmica demográfica é fortemente influenciada pela económica, principalmente em regiões com grandes desigualdades sociais, como é o caso da África subsariana. Partindo de níveis elevados de mortalidade (no quinquénio 1960-1965, as crianças recém-nascidas na região tinham diante de si uma expectativa média de vida de 41,5 anos, contra cerca de 70 anos na Europa e na América do Norte), a África subsariana conheceu, até 1990, avanços razoáveis a nível do calendário do fenómeno, dado que a esperança de vida registou progressos na ordem dos 8 anos. Os ganhos mais importantes verificaram-se na África meridional (quase 11 anos).

Posteriormente e em consequência da deterioração das condições de vida das populações, provocada, entre outros, pela eclosão e/ou agravamento de conflitos, pelo recrudescimento de certas doenças infecciosas como a malária e o aparecimento de outras como a sida (principal causa de morte a par da malária) e pela própria fome que, ciclicamente, fustiga determinados países da região, assistiu-se, até há pouco tempo, à redução dos ganhos e mesmo à inversão das tendências de baixa da mortalidade, como foi o caso da África meridional e da central. Particularmente preocupante é a situação da mortalidade das crianças de tenra idade e das próprias mães. Com efeito, a probabilidade de uma criança falecer antes de celebrar o seu 5.º aniversário, estimada para o quinquénio 2005-2010, é de 148 por cada 1.000 nados-vivos (contra 58 na Ásia e 9 por 1.000 na Europa). A nível das sub-regiões,

esta probabilidade varia entre 80 e 206 por 1.000, respectivamente na África Meridional e na Central (no Chade e em Angola, uma em cada cinco crianças morre antes dos cinco anos de idade).

Associadas a esta situação estão as doenças próprias da pobreza, provocadas pela desnutrição e pela falta de adequadas condições de saneamento, responsáveis pelas altas prevalências de doenças do aparelho digestivo, assim como doenças imunopreveníveis, tais como o sarampo, a coqueluche, a difteria e a poliomielite e a própria sida. Em 2005 e no que toca à mortalidade materna, uma dúzia de países registava taxas superiores a 1.000 por 100.000 nados-vivos, com destaque para a Serra Leoa, o Níger e o Chade (respectivamente, com 2.100, 1.800 e 1.500 óbitos por 100.000 nados-vivos).

#### Transição demográfica e devir da população

O processo de transição demográfica foi iniciado na região subsariana nos anos 50, tendo a baixa da mortalidade precedido a da natalidade, como aliás aconteceu na grande maioria dos países ocidentais. Todavia, no Ocidente, a transição decorreu de forma gradual (demorou entre um a dois séculos a concretizar-se) e ocorreu em simultâneo com a melhoria das condições de vida das populações. No que diz respeito à parte continental da África subsariana, os avanços registados a nível da medicina e do controlo das epidemias foram mais determinantes para o declínio da mortalidade do que a própria melhoria das condições económicas e sociais.

Contudo, as guerras, epidemias e catástrofes naturais, entre outras, condicionaram e/ou alteraram os processos de transição demográfica desencadeados nos países do continente, hipotecando os progressos alcançados até finais dos anos 80, no âmbito da transição epidemiológica, com implicações notórias na mortalidade global e específica (nomeadamente das crianças e das mães) e na própria fecundidade.

Assim, transições lentas ou bruscamente interrompidas pelo impacto da guerra e/ou da sida caracterizam o essencial da evolução demográfica da África subsariana, no arco

temporal em apreço, apenas contrariada por alguns países ou territórios insulares, com transições concluídas (Maurícia, Reunião e Seicheles), mas cujos parâmetros demográficos e de desenvolvimento socioeconómico em nada se assemelham aos do continente – atente-se na diferença dos valores registados pelo índice de desenvolvimento humano, em 2006, entre a África subsariana (0,495), a Maurícia (0,802) e as Seicheles (0,836).

Possuindo a África subsariana um enorme potencial de crescimento, fruto de uma intensidade ainda muito elevada da fecundidade e de um expectável aumento da longevidade (pesem embora as questões que se colocam, no que respeita à influência da sida e de outras doenças graves, no devir da população), a ONU, no seu cenário de evolução mais plausível, prevê que, no horizonte 2050, a região seja povoada por 1.753 milhões e que praticamente um em cada cinco cidadãos do mundo seja subsariano. Como seria de esperar, a trajectória entre 2010 e 2050 comporta alterações significativas a nível das componentes do movimento natural, dado que o número médio de filhos por mulher registará uma baixa sensível entre 2010 e 2030 (decréscimo previsto de 1,7), fixando-se em 2,5, em 2050. Quanto à esperança de vida à nascença, cifrar-se-á em 65,9 anos em 2050, facto que representa, relativamente a 2010, ganhos médios anuais de 0,36 anos.

Como seria lícito esperar, a distribuição dos efectivos por grandes classes de idades registará alterações significativas no que toca às crianças e aos jovens, com um decréscimo de 14 pontos percentuais, entre 2010 e 2050; quanto à parte relativa dos idosos, esta não chegará a duplicar: de 3,1% para 5,9%. ■

#### Referências

- LESSAUT, D.; BEAUCHEMIN, C. (2009) — *Les migrations de l'Afrique subsaharienne en Europe: un essor encore limité*. Paris: Population & Sociétés n.º 452, INED.
- United Nations (2009) — *World Population Prospects: The 2008 Revision*. Nova Iorque: DESA/Population Division, United Nations.
- United Nations Development Programme (2008) — *Human Development Indices: A statistical update 2008-HDI rankings*. Nova Iorque: UNDP.
- United Nations Population Fund (2008) — *State of World Population 2008*. Nova Iorque: UNFPA.
- World Health Organization (2009) — *World Health Statistics 2009*. Genebra: WHO.